

# CONVERGÊNCIA E DIVERGÊNCIA MORFOLÓGICA NAS LÍNGUAS ROMÂNICAS E NO INGLÊS: OS SUFIXOS PROVENIENTES DE -TIO(NIS)

Graça Rio-TORTO\*

- **RESUMO:** Neste estudo, analisa-se a estrutura morfológica das bases verbais e dos sufixos nominalizadores com origem em -TIO, -TIONIS do português, espanhol, francês, italiano e inglês, distinguindo as variantes disponíveis para a formação de novos nomes e as que têm uma configuração historicamente motivada. A análise tem em conta as dimensões histórico-etimológicas dos sufixos e dos nomes em que ocorrem e discute o contributo de diferentes abordagens teóricas para o funcionamento dos representantes atuais de -TIO, -TIONIS nessas línguas. As configurações que o sufixo latino -TIO, -TIONIS apresenta na língua inglesa e nas línguas românicas permitem-nos estabelecer uma delimitação tipológica singular entre (i) português, espanhol e italiano, por um lado, e (ii) francês e inglês, por outro. Essa diferença tipológica poderá contornar a assunção de que as línguas românicas se regem todas por um mesmo padrão no que toca à configuração dos seus sufixos e comprovar que os padrões do inglês não se aplicam necessariamente a outras línguas de circulação internacional como o espanhol ou o português.
- **PALAVRAS-CHAVE:** Derivação. Morfologia. História da Língua. Línguas Românicas. Português. Inglês.

## Pressupostos teórico-metodológicos

Em termos de ancoragem teórica, este trabalho respalda-se numa arquitetura da linguagem alicerçada na interface entre teoria morfológica, processamento da linguagem e história da língua.

No que à teorização morfológica diz respeito, o quadro teórico que serve de referência à análise aqui expendida é essencialmente o da morfologia construcional, tal como desenvolvida por Corbin (1987), Varela (2005) e Booi (2005, 2007, 2008). No que concerne à descrição histórica dos fatos morfológicos considerados, recorremos ao vasto acervo de dados coligidos e interpretados por estudiosos da morfologia, da linguística histórica e românica, como Malkiel (1970, 1978), Posner (1996) e Klausenburger (2006), respectivamente.

---

\* UC – Universidade de Coimbra. Centro de Estudos de Linguística Geral e Aplicada – Faculdade de Letras – Departamento de Línguas, Literaturas e Culturas. Coimbra – Portugal. 3004-530 – gracart@gmail.com

Em relação ao processamento da linguagem, baseamo-nos essencialmente no pensamento de Jackendoff (2002). De fato, os modelos descritivos ganham em ser explicativos do modo como os falantes armazenam e processam as informações morfolexicais que têm na sua gramática mental. Por isso, a representação que aqui propomos deve ser também a um tempo *input-oriented* e *output-oriented*, conjugando as inferências que os falantes formulam a partir da observação das palavras de estrutura compósita a que estão expostos com os cálculos de boa formação que têm de ser ativados para que os novos produtos tenham uma configuração conforme com as condições de gramaticalidade da língua. Veremos de que forma o caráter mais ou menos (de)composicional ou holístico dos objetos morfológicos em análise estão intimamente relacionados com a sua estrutura morfológica interna, ou seja, com a natureza dos radicais, temas e sufixos envolvidos, e com a percepção que deles têm os falantes.

Partimos do pressuposto de que uma análise estritamente sincronicista – mais propriamente, em que os dados são observados na atual sincronia – pode conduzir a uma errônea análise da estrutura interna das palavras, atribuindo, por exemplo, o estatuto de produtos genolexicais a palavras que efetivamente não o têm, não obstante o caráter compósito da sua estrutura (RIO-TORTO, 1998).

À luz destes considerandos, nomes herdados do latim como os que se apresentam no Quadro 1 não são considerados palavras derivadas nas línguas sob escopo. Respeitando a origem, a gênese e a história dos recursos morfolexicais em jogo e, ao arrepio do que algumas descrições atuais propõem, as variantes sufixais eruditas que se mantêm nos cultismos que figuram nesse quadro, não serão aqui consideradas variantes formais dos atuais sufixos disponíveis nas línguas em análise. Trata-se antes, como veremos adiante, de configurações hodiernas de formas sufixais latinas que, nas línguas contemporâneas, não têm estatuto sufixal.<sup>1</sup> Tendo em linha de conta os resultados obtidos em estudos da especialidade (VANNEST; POLK; LEWIS, 2005), é nossa convicção que o processamento morfológico desses nomes é feito de forma holística e não (de) composicional, o que corrobora o seu caráter não construído dentro da língua atual de acolhimento.

**Quadro 1** – Nomes herdados do latim.

latim	português	espanhol	italiano	francês	inglês
OPPRESSIO, -ONIS	opressão	opresión	oppressione	opression	opression
ADHAESIO, -ONIS	Adesão	adhesión	adesión	adhésion	adhesion

<sup>1</sup> Para o português, Carolina Michaëlis de Vasconcelos (1916) apresenta como variantes de *-çã*, *-ã*, *-xã*, *-chã*, *-sã*, *-ssã* e *-zã*, sem se pronunciar sobre o estatuto histórico e/ou funcional de cada uma.

Já palavras como *adoração* (port.), *adoración* (esp.), *adorazione* (it.), *adoration* (fr.) ou *adoration* (ing.), cuja gênese pode ser diretamente reportável ao étimo latino ADORATIO, -ONIS, podem também ser consideradas palavras derivadas dessas línguas, uma vez que nada impede que, das respectivas bases verbais, possa-se proceder e/ou ter procedido à sua derivação através dos sufixos nelas presentes.

Por via de regra, o espaço morfômico (ARONOFF, 1994) dos verbos cujos nomes aqui analisamos alberga um conjunto diversificado de variantes radicais e/ou temáticas (em português, *dig-*, *diz-*, *diss-* para *dizer*, ou *peç-*, *ped-* para *pedir*), cuja descrição provavelmente não será possível concretizar no seio de um modelo abrangente e absolutamente coeso. Em línguas morfológicamente ricas como as que estão sob nosso enfoque, o espaço morfômico de cada verbo, que inclui todas as manifestações de base (radicais e/ou temas) necessárias para que o verbo funcione flexionalmente (em português, *faç-*, *faz-*, *fez-*, *fiz-* para *fazer*) e derivacionalmente (*dic-* em *dicção*, *fac-* em *facção*, *feit-* em *feito*, *feitura*), pode acusar um grau de dispersão assinalável. Como sabemos, em cada caso (de flexão ou de derivação) e em função de condicionalismos morfológicos, alguns dos quais historicamente determinados, são convocados fragmentos desse espaço morfômico. Seria ideal conseguir congruar, num modelo único de representação, as diferentes manifestações que esse espaço recorta, em cada língua, por via da derivação com sufixos descendentes de -TIO, -TIONIS. Mas a história de cada língua, ao fazer perviver marcas de tempos pretéritos no presente, não permite a rasura daquelas, garantindo assim a não homogeneização dos sistemas linguísticos e, por arrastamento, das suas dimensões culturais.

## Sufixos e variantes

### Português e espanhol

Em português e em espanhol, aos temas verbais da primeira, da segunda e da terceira conjugações, marcados pelas vogais temáticas *-a-*, *-e-* e *-i-*, podem acoplar-se os sufixos *-ção* e *-ción*, respectivamente, para assim formar nomes que denotam a ação, a atividade, o processo, o estado e/ou o resultado do que a base verbal denota. Em português, como em espanhol, os sufixos *-ção*<sup>2</sup> e *-ción* são os constituintes atualmente disponíveis para a formação de novos derivados.

Em ambas as línguas, o sufixo combina-se com o tema verbal, que termina em *-a-* nos derivados da 1ª conjugação (*devastar*, port. *devastação*, esp. *devastación*)

---

<sup>2</sup> Já Piel (1940, p. 230) afirma que "Como sufixo produtivo temos hoje apenas *-ção* [...] ao passo que *-são* se encontra apenas em latinismos que refletem diretamente palavras latinas em *-sio*, *-sione*", não podendo, por isso, ser considerados produtos derivacionais do português.

e em *-i-* nos derivados da 2ª (port. *render-rendição*, esp. *perder-perdición*<sup>3</sup>) e da 3ª conjugações (*fundir*, port. *fundição*, esp. *fundición*).

A base verbal selecionada é a participial, explicando-se assim a presença da vogal temática *-i-* nos derivados de verbos da 2ª conjugação. Os verbos da 2ª e da 3ª conjugações latinas sofreram, na sua evolução para as línguas românicas, diversas vicissitudes. Para a 2ª conjugação do português, transitaram não apenas os verbos da segunda conjugação latina, mas também alguns da terceira conjugação; por seu turno, os verbos da 3ª conjugação portuguesa albergaram os da 4ª conjugação latina e alguns (mormente em *-io* e *-eo*) da 3ª conjugação (NUNES, 1989).

Tal como acontece com a correspondente forma portuguesa *-(s)são* (*opressão*, *compreensão*, *adesão*), também a configuração espanhola *-sión* é uma manifestação da herança latina na língua espanhola (LLOYD, 1993). Em todo caso, a consideração de *-(s)são* ou de *-sión* como variantes alomórficas não anula a história das palavras em que ocorrem.

## **Italiano**

Segundo Scalise (1984, 2001), em italiano, coexistem duas configurações com origem em *-TIONEM*:

(i) *-zione*, que “[...] *seleziona il tema verbale nel caso della coniugazione dei verbi regolari*” (SCALISE, 2001, p.498) (*devastare-devastazione*, *ripetere-ripetizione* e *guarnire-guarnizione*);

(ii) o alomorfo *-ione*, que se acopla a verbos irregulares (*persuasione* < *persuadere*) e que seleciona como base o participio passado italiano ou latino (*accensu(m)-accensione*, do verbo *accendere*).

Já para Dardano e Tritone (1997), os deverbais em *-zione* têm por base verbos de tema em *-a-* e os em *-sione*, verbos de tema em *-e-*. Para esses autores, a variante “[...] *-sione* [...] *comporta un mutamento nella base (la base è costituita dal participio passato o da una forma colta): accendere - accensione; aggredire - aggressione [...]*” (DARDANO; TRITONE, 1997, p.527).

A variante atualmente disponível é *-zione* (SCALISE; BISETTO, 2008), acoplando-se ao tema participial de verbos regulares e de configuração italiana, qualquer que seja a sua classe conjugacional (*devastare-devastazione*, *ripetere-*

---

<sup>3</sup> Exemplo retirado de Santiago Lacuesta e Bustos Gisbert (1999). Adiante se menciona que, em português, os verbos em *-ecer* e em *-escer* são os únicos disponíveis da segunda conjugação para a produção de novos derivados e apenas admitem combinar-se com *-mento* (*amarelecimento*, *rejuvenescimento*), rejeitando *-ção*.

*ripetizione, guarnire-guarnizione*). A investigação histórica mostra que a configuração *-sione* apenas ocorre em derivados de constituição latina e que os derivados em *-ione*, efetivamente associados a verbos irregulares, já apareceram atestados em latim, a fazer fé nas fontes etimológicas (CORTELAZZO, 1979; TEKAVCIC, 1980). Com o intuito de reunir, num mesmo esquema descritivo, todas as manifestações de cada sufixo, Montermini (2006) propõe uma representação fonológica única para o sufixo com uma parte constante (*-zione/-sione-*) e subespecificações à sua esquerda, a saber, *a, i, e, o, u* ou soante (*r, l, n*), que fazem parte do tema. Essas formas estão dispostas hierarquicamente em ordem decrescente em função da sua frequência e, complementarmente, da sua maior ou menor regularidade: *-azione-* (*interrogazione*), *-izione-* (*descrizione*), *-ezione-* (*correzione*), *-ozione-* (*rimozione*), *-uzione-* (*introduzione*), *-rzione-* (*asserzione*), *-lsione-* (*espulsione*), *-nzione-* (*estinzione*).

Essa abordagem, por abarcar todas as manifestações de cada sufixo, tem a vantagem de as ordenar em função da sua frequência, ao mesmo tempo que descreve as condições de ocorrência de cada uma.<sup>4</sup> Todavia não anula o que de essencial fora proposto para o italiano. E embora tenha intenção de refletir a frequência de uso de cada variante, não dá indicação de quais são, em termos de produção, as efetivamente indisponíveis, porque historicamente cristalizadas.

## **Francês**

A situação do francês é em parte semelhante à do português e à do espanhol, mas apresenta singularidades que afastam essa língua românica das demais.

Em francês, coexistem as variantes *-ation* (*dévaster-dévastation*), que ocorre com bases verbais da primeira conjugação, *-tion*, presente em verbos de tema em *-i-* (*répartir-répartition*), e *-ition*, presente em verbos do tipo *perdre-perdition*.

A variante *-ation*, atualmente a única produtiva, tem uma configuração distinta da dos sufixos português, espanhol e italiano por apresentar uma vogal inicial que estes não possuem. Como em francês a base de derivação desses nomes (v.g. *mémorisation*) é o radical dos verbos em *-er* (v.g. [memoris]<sub>Radical verbal</sub> de *mémoriser*), torna-se necessária a presença de uma vogal no início do sufixo, que assim assume a configuração *-ation*. A opção por *-a-* no início do sufixo respeita a deriva mais disponível no latim e nas línguas românicas, já que, em todas essas línguas, a classe temática verbal em *-a-* é a dominante.

---

<sup>4</sup> Modestamente, o autor reconhece que "[...] *la hiérarchie proposée n'a aucune valeur explicative en soi; le fait de dire que [atsjone] est la variante par défaut du suffixe est une simple constatation. [...] Ce qui est important, donc, ce n'est pas tellement la valeur descriptive du schéma (qui prend en compte quand même toutes les possibilités attestées en italien), mais plutôt le fait de reconnaître que les suffixes possèdent structurellement des variantes allomorphiques, et que celles-ci sont ordonnées hiérarchiquement.*" (MONTERMINI, 2006, p.302).

A configuração *-tion* apenas está presente em nomes cujos verbos de base são de tema em *-i-* (*abolition, démolition, munition, partition, punition*), muitos dos quais podem ter origem num processo derivacional latino, como atestam os dicionários etimológicos do francês (GAFFIOT, 2000). Não é, pois, linear que, em francês, *-tion* seja encarável como uma variante disponível que selecione temas verbais da 3ª conjugação.

A configuração *-ition*, à semelhança do que se verifica com o sufixo italiano *-ione*, ocorre apenas em derivados atestados em latim (*perdition* < PERDITIO).

As bases dos derivados em *-ession* são verbos “[...] *d’origine latine dont le segment apparemment basique est -prim(er)*” (CORBIN, 1987, p.151), como *comprimer, déprimer, exprimer, opprimer, supprimer*, que se nominalizam em *-ession*. Formas como *agression*, que essa autora correlaciona com verbos terminados em *-ess* (*agresser*), estão atestadas em latim, logo são historicamente explicáveis.

As análises que não têm em conta a evolução histórica da língua francesa apontam para a existência de um ou de vários sufixos, a saber *-ion* (KERLEROUX, 2005), *-ation* (CORBIN, 1987) e/ou *-(t)ion* (DI-LILLO, 1983). Já um comparatista como Meyer-Lübke (1895) regista que, em francês antigo, coexistem *-aison* (*conjugaison, inclinaison, semaison, tondaison*) e *-ison* (*confondison*) e que as formulações viriam a ser substituídas pelas latinizadas *-azione* e *-ation*.<sup>5</sup>

Kerleroux (2005), ao analisar as condições de ocorrência do sufixo *-ion*, defende a postulação de “*extra stems*” *Xat-* (*dérivat-*, *nidificat-*) não manifestados na flexão, mas visíveis em derivados como *dérivat-ion, nidificat-ion*. Segundo essa especialista em morfologia do francês, a grande vantagem dessa formulação, que transfere para a morfologia derivacional o conceito arronoffiano de morfoma, consiste no fato de o tema formado por adjunção de *-at* ser comum a nomes deverbais sufixados, como *agrégat-ion, alternat-if, attentat-oire, corrélat-ion, corrélat-if, format-eur, supplét-if*, e a nomes pós-verbais não sufixados, porque formados por conversão, como *agrégat, alternat, attentat, corrélat*. Desse modo, evita-se a proliferação de temas verbais bastante diversos nos verbos de padrão menos regular, com conseqüente sobrecarga em termos de memorização dos mesmos. Nesse modelo, apenas o que é verdadeiramente supletivo (v.g. *conduction*) tem necessidade de ser memorizado *ad hoc*. Por certo, o espaço temático dos verbos franceses (e das respectivas bases verbais) alberga um conjunto diversificado de variantes temáticas, cuja descrição a autora mencionada não se propunha levar a cabo. Por isso seria interessante saber de que modo esta concebe os demais derivados em *-ion* em cuja base não é possível conjecturar uma estrutura *Xat-*, como *dispers-ion*, e como os integraria ao modelo que propõe.<sup>7</sup>

---

<sup>5</sup> Sobre as aportações que a história pode facultar acerca do estatuto de *-tion*, ver adiante.

Relativamente à possibilidade de se propor uma “*extra stem*” de tipo *Xat-* para os derivados em análise e supostamente também a todos os congêneres nas línguas sob escopo, importa sublinhar o seguinte: em primeiro lugar, ao conceito de morfoma, tal como concebido por Aronoff (1994), não está associada qualquer informação semântica, sendo, portanto, um constructo formal concebido no alheamento desta. Nada impede que, perante estruturas como *adversativo*, *nominativo*, *acusativo*, *vocativo*, *proibitivo*, conceba-se uma estrutura morfômica, terminada em -VOGAL (a/i)T-, a que se associaria o sufixo -iv-, para a formação de adjetivos. Importa dizer que um morfoma deste/do tipo sugerido para o francês não se aplica aos dados equivalentes do português, como se comprova por meio dos pares *afirmativo*, *afirmação*, *proibitivo*, *proibição*, *reprodutivo*, *reprodução*.

Em todo o caso, resta saber – e faltam estudos a esse respeito aplicados ao português – em que medida uma estrutura morfômica daquele tipo estaria mais em consonância com o saber interiorizado dos falantes sobre as unidades morfolexicais e, portanto, em que medida essa solução reflete melhor, ou não, o modo de processamento desses dados por parte dos utentes comuns da língua, quando operam com palavras do tipo *olfativo*, *interpretativo*, *reprodutivo*, *transitivo*, *proibitivo*, *televisivo*. Por certo, em palavras como essas a que os falantes estão expostos com relativa facilidade, o processamento é feito de forma (de)composicional, sendo possível, portanto, reconhecer-se o sufixo e a base, independentemente da estrutura que seja a esta associada. Já em relação a palavras de tipo mais erudito, como *adversativo*, *nominativo*, *vocativo*, *solução*, *petição*, parece mais plausível que o seu processamento seja mais holístico do que (de)composicional, dado que a generalidade dos falantes não tem conhecimentos relativos à história da sua língua que possam, de alguma forma, orientar o modo como procedem à (des)construção dessas palavras. Esse é um aspecto sobre o qual nos debruçamos em trabalho em elaboração.

## **Inglês**

Segundo Aronoff (1985), em inglês, coexistem a configuração -*ation* (*humanize-humanization*), sem restrições de aplicação, e as variantes -*ion* (*rebel-rebellion*) e -*tion* (*redeem-redemption*), que ocorrem em nomes cujas bases têm origem latina terminadas, respectivamente, em som [+coronal] e [-coronal].

A configuração atualmente disponível na derivação inglesa (BAUER, 1987; BIBER, 1999; QUIRK, 1985) é -*ation* (*realize-realization*; *imagine-imagination*).

Tal como em francês, também em inglês o sufixo adquire uma configuração de certo modo analógica, pois nele está presente uma vogal -a- cuja gênese não é determinada pela morfologia interna dos constituintes em presença. A pressão do paradigma novilatino em -a- faz com que a configuração adotada

pela língua inglesa seja *-ation*. Aliás, o caráter internacional da sufixação em português *-izar* e em inglês *-ize*, ou em português *-ificar* e em inglês *-ify* não faria esperar outra solução que não essa. Mas um fato histórico ajuda a explicar a feição novilatina do sufixo *-TIO-* em inglês. A língua inglesa sofreu, na Idade Média – o chamado *Middle English* (1150-1470) –, forte influência do francês medieval (BILYNSKA, 2007), tendo então acolhido numerosas unidades lexicais deverbais em *-ment* (*amerceement*) e em *-ation* (*administration*), o que explica a permanência da configuração anglo-normanda deste último sufixo no inglês contemporâneo.

As formas sufixais *-ion* e *-tion* refletem um processo de formação de palavras latino e não inglês. Nessa medida, as variantes *-ion* e *-tion* aproximam-se tipologicamente das variantes *-são* (port.), *-sión* (esp.), *-ione* (it.), resultantes da evolução histórica do latim para as línguas românicas.

As línguas inglesa e francesa assemelham-se por terem como configuração mais disponível um sufixo iniciado por vogal: *-ation* (fr. *présenter-présentation*, ingl. *present-presentation*). Nas demais línguas românicas, este *-a-* faz parte da base verbal. A inexistência de vogal temática em inglês (*install-installation*) e o fato de a sequência *-ation* ser muito representada desde o latim explicam que, por defeito, seja esta a selecionada.

## Síntese

Os sufixos românicos e inglês com origem em *-TIO*, *-TIONIS* que se encontram atualmente disponíveis têm como configurações *-çã*o (port.), *-ción* (esp.), *-zione* (it.), *-ation* (fr.) e *-ation* (ing.). Os exemplos seguintes mostram os verbos e os nomes deles derivados em que estes sufixos ocorrem.

(i) <b>espanhol:</b>	instalar-instalación	realizar-realización
(ii) <b>italiano:</b>	installare-intallazione	realizzare-realizzazione
(iii) <b>português:</b>	instalar-instalação	realizar-realização
(iv) <b>francês:</b>	installer-installation	réaliser-réalisation
(v) <b>inglês:</b>	install-installation	realize-realization

Os sufixos português, espanhol e italiano são iniciados por consoante e selecionam temas verbais.

As línguas inglesa e francesa apresentam, ao contrário das restantes, um sufixo iniciado por vogal: *-ation*. Essa configuração do sufixo é histórica e sincronicamente justificável. Muitos dos derivados latinos em *-TIO*, *-TIONIS* são

antecedidos pela vogal *-a-*. Sincronicamente, a presença da vogal deve-se ao fato de estes sufixos selecionarem radicais verbais.

## Estrutura da base

As bases selecionadas pelos sufixos *-ção* (port.), *-ción* (esp.) e *-zione* (it.) têm configuração morfológica diversa das selecionadas por *-ation* (fr.) e por *-ation* (ing.).

Em latim, a base de *-TIO*, *-TIONIS* era o tema verbal do supino; nas línguas românicas em análise (português, espanhol e italiano), o sufixo cognato seleciona o tema participial (MONTERMINI, 2006).

O francês e o inglês apresentam como bases radicais verbais. A ausência de vogal temática em inglês e motivações históricas e analógicas para o francês explicam o fato de os/estes sufixos francês e inglês serem iniciados pela vogal *-a-*.

## Português, espanhol e italiano

Os sufixos *-ção* (port.), *-ción* (esp.) e *-zione* (it.) selecionam temas verbais, sendo a conjugação mais representada a de tema em *-a-*.

São escassos os nomes que tenham por base verbos da 2ª conjugação. Se se considerar que *rendição* (port.), *rendición* (esp.), *perdición* (esp.), *perdizione* (it.), *repetição* (port.), *repetición* (esp.) e *ripetizione* (it.) podem ter origem latina (< REDDITIO, -ONIS; < PERDITIO, -ONIS; < REPETITIO, -ONIS), fica diminuída a possibilidade de se encontrarem derivados em *-ção*, *-ción* e *-zione* que tenham por base verbos da 2ª conjugação nas respectivas línguas. A presença de *-i-* nos nomes derivados de verbos da 2ª conjugação deve-se ao supino latino que o sufixo *-TIO*, *-TIONIS* tomava como base.

A escassez de derivados românicos de verbos de tema em *-e-* tem uma explicação histórica e sincrônica. É que já “*En latín solo eran productivas dos conjugaciones, la del tipo amare y la del tipo audire*” (ALVAR; POTTIER, 1993, p.172), o que se repercute igualmente nas línguas românicas sob escopo.

Um outro fator dá fundamento acrescido à escassa representação de nomes deverbais em *-ção* que tomem por base temas da segunda conjugação. Em português (RIO-TORTO, 2004), os verbos em *-ec-* são os mais produtivos da 2ª conjugação; estes bem como os em *-ej-* da primeira conjugação apenas são compatíveis com *-mento* (*escurecimento*, *travejamento*), sendo resistentes à seleção de *-ção* (\**escureceção*, \**travejação*). Essa restrição de seleção explica, por conseguinte, a mitigada derivação de nomes em *-ção* a partir de bases verbais de tema em *-e-*.

A 3ª conjugação é mais receptiva à afixação de *-ção* (port.), *-ción* (esp.) e *-zione* (it).

Os dados presentes no Quadro 2 ilustram a realidade acima descrita.

**Quadro 2** – Distribuição dos sufixos *-ção* (port.), *-ción* (esp.), *-zione* (it.) e *-ation* (fr.) pelas classes conjugacionais verbais mais representativas.

	<b>1.ª conjugação</b>		<b>3.ª conjugação</b>	
<b>português</b>	devastar	devastação	fundir	fundição
<b>espanhol</b>	devastar	devastación	fundir	fundición
<b>italiano</b>	devastare manipolare	devastazione manipolazione	guamire ripartire	guarnizione ripartizione

## Francês e inglês

Ao contrário do que se verifica nas línguas do eixo português-espanhol-italiano, na língua francesa, o sufixo *-ation* seleciona radicais verbais (*facilit(er)-facilitation*), como se atesta nos dados do Quadro 3. A incorporação da vogal *-a-* na fronteira inicial do sufixo assegura a semelhança paradigmática do francês com as demais línguas românicas.

Em relação aos verbos franceses de tema em *-i-*, fica por esclarecer se a base selecionada é o tema, tendo então o sufixo a configuração *-tion*, ou o radical; nesse caso o sufixo seria *-ition*.

Um dado aduzido por Meyer-Lubke (1895) leva-nos a admitir que, na base dos derivados desse tipo, possa ter estado o radical. Afirma o autor que, no francês antigo, regista-se *nourresson* (de *nourrir*), e que esta formulação viria a ser substituída no francês moderno por *nourisson*. A ser assim, a presença desta vogal *-e-* em derivados de verbos de tema em *-i-*, como *nourrir* ou *pourrir* (francês antigo: *pourresson*), não pode ser explicada por influência do sufixo, levando a admitir que, tal como em *pourriture*, ela terá mais a ver com a base, que assim seria um tema e não um radical verbal. Na falta de outros dados, a solução registada no quadro seguinte é esta.

**Quadro 3** – Distribuição dos sufixos *-ção* (port.), *-ción* (esp.), *-zione* (it.) e *-(a)tion* (fr.) pelas duas classes conjugacionais verbais mais representativas.

<b>Línguas</b>	<b>Verbos da 1ª conjugação e respectivos derivados</b>		<b>Temas verbais em -i- e respectivos derivados</b>	
<b>português</b>	realizar	realiza-ção	fundir	fundi-ção
<b>espanhol</b>	realizar	realiza-ción	fundir	fundi-ción
<b>italiano</b>	realizzare	realizza-zione	guamire	guarni-zione
<b>francês</b>	réaliser	réalis-ation	répartir	réparti-tion

Em inglês a base derivacional do sufixo *-ation* é um radical. Assim acontece nos numerosos verbos (de paradigma regular) terminados em *-ize* (*legalize-legalization*), e bem assim nos verbos terminados em Ø do tipo *motive-motivation*, *imagine-imagination*.

Na ausência de vogal temática, o sufixo selecciona um radical (*legaliz-*), e apresenta na sua fronteira inicial a vogal *-a-*.

Como se verifica idêntico comportamento em francês, o sufixo apresenta-se com a mesma configuração (*-ation* (fr., ing.)) nas duas línguas.

### **Semelhanças e dissemelhanças entre as línguas<sup>6</sup>**

A comparação entre as línguas românicas aqui tidas em conta e a língua inglesa mostra que aquelas não constituem um conjunto homogêneo, revelando antes a existência de um gradiente constituído pelo grupo (i) português-espanhol-italiano e pelo grupo (ii) francês e inglês.

Essas semelhanças e diferenças fazem-se sentir na configuração dos sufixos representantes de *-TIO*, *-TIONIS*, como se observou anteriormente, e na configuração morfológica das bases.

<sup>6</sup> São as seguintes as marcas dos paradigmas da conjugação verbal em latim e em diferentes línguas românicas. Nos dados que se seguem ' precede vogal breve e ø marca a inexistência de representantes; os verbos latinos em 'ERE transitaram para a 2ª (*VENDERE-vender*) ou para a 3ª conjugações (*PETERE-pedir*) em português e em espanhol.

**(I) Latim** -ARE : **italiano** -are, **francês** -er, **espanhol e português** -ar

**(II) Latim** -ERE : **italiano** -ere, **francês** -oir, **espanhol e português** -er

**(III) Latim** -'ERE : **italiano** -'ere, **francês** -'ere, **espanhol e português** ø

**(IV) Latim** -IRE : **italiano** -ire, **francês** -îre, **espanhol e português** -ir

## Aspectos morfológicos

A diferença tipológica entre as línguas sob escopo assenta na estrutura do sufixo e na da base por este selecionada, sendo possível reunir essas línguas em dois grupos distintos.

Num primeiro grupo incluem-se o espanhol, o italiano e o português. Os sufixos e as bases dessas línguas não apresentam mudanças estruturais em relação ao latim. As bases, tal como as latinas, são temas verbais, e os sufixos *-ção* (port.), *-ción* (esp.) e *-zione* (ital.) iniciam-se por uma consoante (Quadro 4).

O segundo grupo é constituído pelo francês e pelo inglês. As bases são radicais verbais (fr. *dévast-*, em *dévastation*, ingl. *humaniz-*, em *humanization*), e o sufixo *-ation* (do francês e do inglês) é iniciado por vogal (Quadro 4). Essa vogal é idêntica à que, num elevado número de casos, antecedia o sufixo latino.

**Quadro 4** – Classes de base e sufixos.

	Línguas	Base: classe morfológica	Base verbal	Sufixo
(I)	<b>espanhol</b> <b>italiano</b> <b>português</b>	TEMA	realiza- realizza- realiza-	-ción -zione -ção
(II)	<b>francês</b> <b>inglês</b>	RADICAL	réalis- realis-	-ation -ation

Um dos poucos aspectos comuns às cinco línguas reside no fato de todas apresentarem fricativação da consoante inicial do sufixo latino (que de [-contínua] e [-soante] passa a [+contínua] e [±soante]), ainda que o inglês e o francês a tenham feito anteceder por uma vogal.

Como Meier (1943) e Posner (1996) amplamente evidenciam, não obstante a familiaridade linguística que as une, as línguas românicas configuram um todo heterogêneo, sob diferentes pontos de vista, podendo sempre reunir diferentes línguas e constituir novos subconjuntos com uma composição bastante diversa, em função de critérios de natureza fonológica, morfológica e/ou sintática. Aspectos há que singularizam uma língua relativamente às demais, e é possível encontrar-se outros que sustentam subconjuntos numericamente variáveis e de regiões nem sempre contíguas. A centralidade ou a perifericidade de cada língua românica, ou dos subconjuntos interlínguas descritivamente formados, variam em função dos parâmetros invocados.

O denominador comum registado entre as línguas ibéricas e a italiana, por um lado, e o francês e o inglês, por outro, sendo de natureza morfolexical, tem origem nas diferentes soluções fônicas que as línguas gaulesa e inglesa apresentam no padrão regular dos seus temas verbais. Nas línguas espanhola, italiana e portuguesa, a vogal temática dos verbos de base mantém-se nos derivados nominais portadores dos representantes atuais de -TIO(NIS). Pelo contrário, no francês e no inglês, os representantes hodiernos de -TIO(NIS) apresentam a forma *-ation*, acoplando-se em ambas as línguas a radicais verbais. Fica, assim explicada, a dicotomia “convergência e divergência” que figura no título.

## Aspectos fônicos

Aparentemente, não será fácil encontrar grandes volumes de dados que igualizem as línguas inglesa e francesa, com gêneses e substratos tão diversos, por contraste com as demais línguas românicas sob escopo.

Mas o *continuum* entre português, espanhol e italiano, por um lado, e francês e inglês, por outro, encontra paralelo com um aspecto da estrutura fônica das línguas em menção, que selecionamos porque representativo de um percurso homólogo ao que assinalamos em termos morfoderivacionais.

A evolução dos grupos latinos PL- e CL- em posição inicial nas diferentes línguas (Quadro 5) espelha o mesmo tipo de denominador comum às línguas ibéricas e italiana, que apresentam diferentes graus de palatalização (confira a iodização presente em italiano), em contraste com o francês (e também o provençal e o catalão), que preserva as configurações mais matriciais, conjuntamente com o inglês, ainda que neste tal aconteça por razões diferentes. Com efeito, na língua inglesa, as configurações registadas no Quadro 5 são devidas a uma influência direta do francês antigo, e não a uma origem genética latina. O radical de *plenty* (a que corresponde o anglo-saxónico *full*) é o mesmo do francês *plénitude* e do latim PLENITAS, este mesmo já construído a partir do radical adjectival PLEN-. Por isso se assinala no Quadro 5 que *plenty* e *claim* não são diretamente procedentes do latim. Acresce que, em inglês, *(to) claim* significa em primeira mão sustentar, argumentar, e só depois chamar ou clamar, e, em francês, para *chamar* o verbo mais usado é *appeler*, pois *clamer* denota (re)clamar.

**Quadro 5** – Manifestação dos grupos latinos PL- e CL- nas línguas românicas e também – indiretamente – em inglês.

Latim	PL- (PLENU-)	CL- (CLAMARE)
português	cheio	chamar
espanhol	lleno	llamar

<b>Latim</b>	<b>PL- (PLENU-)</b>	<b>CL- (CLAMARE)</b>
<b>italiano</b>	pieno	chiamare
<b>francês</b>	plein	clamer
<b>inglês (por influência do francês antigo)</b>	plenty (não diretamente procedente do latim)	claim (não diretamente procedente do latim)

**Fonte:** Lausberg (1981, p.178-179).

Assim, enquanto as línguas ibéricas e italiana apresentam soluções que envolvem diferentes graus de palatalização, o francês e o inglês, quando adotam palavras de origem novolatina, optam pela preservação dos grupos consonânticos PL- e CL-. Esse é, pois, um aspecto que corrobora a perifericidade do francês assinalada por Posner (1996) no conjunto das línguas românicas, por contraste com a maior prototipicidade do italiano seguido, num registo de “parecença de família”, pelas línguas ibéricas.

## **Balanco final**

As diferenças tipológicas assinaladas entre os dois conjuntos de línguas – (i) francês e inglês; (ii) espanhol, italiano e português – revelam-se de enorme alcance em termos da arquitetura dos dois conjuntos idiomáticos delimitados. Assim é porque:

- as dimensões exploradas incidem sobre um aspecto nuclear da estrutura das línguas – a morfologia interna dos verbos e dos nomes deverbais-;
- os paradigmas envolvidos são muito produtivos na atualidade, em grande parte devido à enorme disponibilidade de *-iser* (fr.), de *-ize* (ingl.), de *-izar* (port.) e de *-izzare* (it.), que reforçará as derivas registadas.

A visão que aqui propomos não intenta estabelecer demarcações estanques entre a base e os sufixos, mas procura descrever, com respeito pelos paradigmas históricos das línguas e pelo modo como se faz o processamento das suas unidades morfolexicais, as regularidades que, no âmbito das classes morfológicas envolvidas, regem as combinatórias entre bases verbais e os sufixos que se lhes acoplam.

Uma análise que inclua no mesmo conjunto todos os deverbais em *-ion* (fr., ingl., ital.), em *-ión* (esp.) e em *-ç/s-ão* (port.) conduziria certamente a uma visão mais global do acervo lexical de cada língua, seja herdado e/ou importado, ou

não. Resta avaliar, também em termos de processamento linguístico, se o grau de formalismo e de abstração necessários seriam mais explicativos.

No cerne da questão estão, em nosso entender, diferentes concepções teóricas e metodológicas do objeto de análise, que não são incompatíveis entre si. Uma, de base morfológica, que prioriza a estrutura morfológica (radical, tema) das bases verbais envolvidas e que, ao mesmo tempo, não descarta a importância que o legado latino tem na atual configuração morfolexical das línguas em análise, indo, assim, ao encontro do modo de processamento das unidades morfolexicais. Outra, de base morfômica, constrói formalismos abstratos que pretendem explicar o maior número possível de fatos correlacionados, mesmo que para tal não atente na natureza herdada/importada ou autóctone e construída dos mesmos.

Em última instância, poderíamos considerar que, em todos os verbos dos paradigmas regulares de cada uma das línguas mencionadas, sejam as línguas românicas ou o inglês, atua um morfoma -ATION (não equivalente a um qualquer sufixo), que assim estaria presente na formação das nominalizações deverbais de tipo não erudito. Dessa forma, todos os nomes deverbais regulares apresentariam um morfoma -ATION, que faz *jus* ao modelo latino mais representado, já então com a mesma configuração. Todavia uma representação desse tipo não respeita a estrutura morfológica dos itens lexicais envolvidos e o modo de processamento dos mesmos, seja em termos de produção, seja em termos de compreensão. Acresce que não é inclusiva dos muitos nomes eruditos em -SION que as línguas possuem (confira port. *expulsão, intromissão, recessão*), e que muito provavelmente são objeto de um tratamento holístico por parte dos falantes que não têm conhecimentos sobre a história da língua que lhe permitam fazer uma descrição tecnicamente mais criteriosa.

Conjugando (i) as hipóteses formuladas sobre o modo de processamento decomposicional de palavras de estrutura regular (port. *administração, legislação*), e das que são holisticamente tratadas (port. *confusão, petição, repressão, solução, sujeição*), porque importadas e/ou morfológicamente opacas, com (ii) os dados disponíveis sobre a história e a morfologia dos derivados em análise e com (iii) a convicção de que os modelos explicativos não perdem incisividade pelo fato de, de forma icônica, reproduzirem o modo como os falantes percebem e usam os dados linguísticos, consideramos que o utilizador da língua ganha em ter consciência de que:

- processo de construção de um nome desse tipo faz-se com recurso a uma base de tipo radical ou tema, consoante a língua, e o sufixo tem diferentes configurações, em função do tipo de base;

- processo que envolve *-ción* (esp.), *-zione* (it), *-ção* (port), e *-ation* (fr. e ingl.) verifica-se com os verbos de padrão regular, que concomitantemente são os mais representados;
- todas as demais variantes, em cada língua, se bem que relacionáveis com a estrutura formal das suas bases, têm uma explicação histórica e não estão disponíveis para a produção de novos derivados, sendo a sua memorização impositiva. Tudo leva a crer que, nesses casos, o processamento dos nomes se faça de forma holística, e não (de)composicional.

Por certo uma descrição de base morfológica, complementada com o conhecimento mais formal(izado) em termos morfômicos, afigura-se com uma capacidade explicativa acrescida, no tocante à estrutura da língua, à sua história e ao modo de processamento das unidades lexicais.

## Agradecimentos

Desejo exprimir os meus agradecimentos aos pareceristas anônimos pela leitura crítica deste texto. Um agradecimento é devido à Ana Barbosa, pelo frutuoso diálogo na elaboração de uma antiga versão deste artigo. Os erros e imprecisões desta nova versão são da minha exclusiva responsabilidade.

RIO-TORTO, G. Morphological convergence and divergence in English and in Romance languages. Suffixes deriving from TIO(NIS). *Alfa*, Arararaquara, v.55, n.1, p.11-29, 2011.

- *ABSTRACT: This study analyzes the morphological structure of verbal bases and nominalizing suffixes of Portuguese, Spanish, French, Italian, and English which correspond to Latin -TIO, -TIONIS, to distinguish (i) the variants which are available for the formation of new names, and (ii) those with a historically motivated configuration. Taking into account the etymological dimension of the the suffixes and/or the names in which they occur, the analysis focuses on the contribution of different theoretical approaches on the function of the current forms of -TIO, -TION(IS) in these languages. The configurations presented by the Latin suffix -TIO, -TION(IS) in English and Romance languages allow a new typological split: on the one hand, (I) Portuguese, Spanish, and Italian; on the other, (II) French and English. This typological difference may weaken the assumption that all Romance languages are governed by the same patterns of suffixal delimitation, and may also prove that English derivational guidelines of affixal segmentation do not apply to other languages of international circulation such as Spanish or Portuguese.*
- *KEYWORDS: Derivation. Morphology. History of language. Romance languages. English.*

## REFERÊNCIAS

ALVAR, M.; POTTIER, B. *Morfología histórica del español*. Madrid: Editorial Gredos, 1993.

ARONOFF, M. *Morphology by itself*. Massachusetts: MIT, 1994.

\_\_\_\_\_. *Word formation in generative grammar*. Massachusetts: MIT, 1985.

BAUER, L. *English word-formation*. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.

BIBER, D. et al. *Longman grammar of spoken and written English*. London: Longman, 1999.

BILYNSKA, O. Romance suffix rivalry of action nouns from middle English verbs in the OE textual prototypes. *Studia Anglica Resoviensia*, n.4, p.25-32, 2007. Disponível em: <[http://www.univ.rzeszow.pl/wfil/ifa/usar4/sar\\_v4\\_02.pdf](http://www.univ.rzeszow.pl/wfil/ifa/usar4/sar_v4_02.pdf)>. Acesso em: 20 dez. 2009.

BOOIJ, G. *The grammar of words: an introduction to linguistic morphology*. 2.ed. Oxford: Oxford University Press, 2008.

\_\_\_\_\_. Construction morphology and the lexicon. In: MONTERMINI, F.; BOYÉ, G.; HARBOU, N. (Ed.). *Selected proceedings of the 5th Décembrettes: morphology in Toulouse*. Somerville: Cascadilla Press, 2007. p.34-44.

\_\_\_\_\_. Morphology and the tripartite parallel architecture of the grammar. In: GROSSMANN, M.; THORNTON, A.-M. (Ed.). *La formazione delle parole*. Roma: Bulzoni, 2005. p.109-125.

CORBIN, D. *Morphologie dérivationnelle et structuration du lexique*. Tübingen: Niemeyer, 1987.

CORTELAZZO, M. *Dizionario etimologico della lingua italiana*. Bolonha: Zanichelli Editore, 1979.

DARDANO, M; TRITONE, P. *La nuova grammatica della lingua italiana*. Milão: Zanichelli Editore, 1997.

DI-LILLO, A. Morphologie des noms en (-t)-ion du français. *Cahiers de lexicologie*, Paris, n.43, p.117-135, 1983.

GAFFIOT, F. *Dictionnaire latin-français: nouvelle édition revue et augmentée*, sous la direction de Pierre Flobert. Paris: Hachette, 2000.

JACKENDOFF, R. *Foundations of language: brain, meaning, grammar, evolution*. Oxford: Oxford University Press, 2002.

KERLEROUX, F. On a subclass of non-affixed deverbal nouns in French. In: BOOIJ, G. et al. (Ed.). *On-line Proceedings of the Fifth Mediterranean Morphology*

*Meeting* (MMM5), Fréjus, 2005. Disponível em: <<http://mmm-proc/MMM5/093-104-Kerleroux.pdf>>. Acesso em: 29 dez. 2009.

KLAUSENBURGER, J. From romance philology to (historical) romance linguistics? In: RANDAAL, S. G.; ARTEAGA, D. (Ed.). *Historical romance linguistics: retrospective and perspectives*. London: John Benjamins, 2006. p.1-18.

LAUSBERG, H. *Linguística românica*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1981.

LLOYD, P. M. *Del latín al español*. Madrid: Editorial Gredos, 1993. (Fonología y morfología históricas de la lengua española, 1).

MALKIEL, Y. Derivational categories. In: GREENBERG, J. H. (Ed.). *Universals of human language*. Standford: Standford University Press, 1978. v.3. p.125-149.

\_\_\_\_\_. Genetic analysis of word-formation. In: SEBEOK, T. A. (Ed.). *Current trends in Linguistics*. Paris: Mouton, 1970. v.3. p.305-364.

MEYER-LÜBKE, W. *Grammaire des langues romanes*. Traduction française par Auguste Doutrepoint et Georges Doutrepoint. Paris: H. Welter, 1895. t.2.

MEIER, H. A evolução do português dentro do quadro das línguas românicas. *Biblos*, Coimbra, v.18, t.1, p.497-515, 1943.

MONTERMINI, F. La représentation phonologique des unités morphologiques et la question de l'allomorphie. Sur quelques affixes problématiques de l'italien. *Cahiers de Grammaire*, Toulouse, n.30, p.291-305, 2006. Disponível em:

<<http://w3.erss.univ-tlse2.fr/textes/publications/CDG/30/CG30-22-Montermini>>. Acesso em: 20 jan. 2010.

NUNES, J. J. *Compêndio de gramática histórica portuguesa: fonética e morfologia*. 9.ed. Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1989.

PIEL, J. A formação dos substantivos abstratos em português. *Biblos*, Coimbra, v.16, t.1, p.209-237, 1940.

POSNER, R. *The romance languages*. Cambridge: Cambridge University Press, 1996.

QUIRK, R. et al. *A comprehensive grammar of the English Language*. London: Longman, 1985.

RIO-TORTO, G. Morfologia, sintaxe e semântica dos verbos heterocategoriais. In: \_\_\_\_\_. (Org.). *Verbos e nomes em português*. Coimbra: Almedina, 2004. p.17-89.

\_\_\_\_\_. Sincronia, diacronia e análise genolexical. In: \_\_\_\_\_. *Morfologia derivacional: teoria e aplicação ao português*. Porto: Porto Editora, 1998. p.133-148.

SANTIAGO LACUESTA, R.; BUSTOS GISBERT, E. La derivación nominal. In: BOSQUE, I.; DEMONTE, V. *Gramática descriptiva de la lengua española*. Madrid: Espasa Calpe, 1999. v.3. p.4505-4594.

SCALISE, S. La formazione delle parole. In: RENZI, L.; SALVI, G.; CARDINALETTI, A. (Ed.). *Grande grammatica italiana di consultazione*. Bolonha: Il Mulino, 2001. v.3. p.496-499.

\_\_\_\_\_. *Morfologia lessicale*. Pádua: CLESP, 1984.

SCALISE, S.; BISETTO, A. *La struttura delle parole*. Bologna: Il Mulino, 2008.

TEKAVCIC, P. *Grammatica storica dell'italiano*. Bolonha: Il Mulino, 1980. 3v.

VARELA, S. *Morfología lexical: la formación de palabras*. Madrid: Gredos, 2005.

VANNEST, J.; POLK, T. A.; LEWIS, R. L. Dual-route processing of complex words: new fMRI evidence from derivational suffixation. *Cognitive, Affective, and Behavioral Neuroscience*, New York, n.5, p.67-76, 2005.

VASCONCELOS, C. M. de. *Lições de filologia portuguesa*. Lisboa: Dinalivro, 1916.

Recebido em fevereiro de 2010.

Aprovado em maio de 2010.

